

ITINERÁRIOS DE UMA PROFESSORA: UM DIÁLOGO COM OS MANUAIS DIDÁTICOS

ITINERARIES OF A TEACHER: A DIALOGUE WITH THE TEACHING MANUALS

Susane da Costa Waschinewski¹

Resumo: Este texto tem como objetivo capturar aspectos sobre a formação de professores, que ressoavam entre as décadas de 1960 e 1970, no município de Criciúma/Santa Catarina, impulsionados por uma campanha educacional que ficou conhecida como Programa de Assistência brasileiro-americana ao Ensino Elementar (PABAE-INEP). Tal campanha realizava cursos para aperfeiçoar professores em diferentes áreas do conhecimento, além de disponibilizar manuais didáticos com os métodos para formação. Para alcançar os objetivos propostos realizou-se uma entrevista com a doadora desses manuais, a ex-aluna normalista e professora primária Vera Maria Silvestri Cruz. Por meio de suas narrativas, intentou-se se aproximar dos usos e circulação destes materiais que fazem parte da cultura material escolar. Nesta esteira, as memórias dessa professora e os manuais didáticos permitem criar conhecimentos de cenários educacionais, práticas e cotidianos escolares no campo da História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação. Manuais didáticos. Memórias. PABAE.

Abstract: The objective of this text is to capture aspects of teacher education, which resonated between the 1960s and 1970s, in the city of Criciúma / Santa Catarina, driven by an educational campaign known as the Brazilian-American Assistance Program for Elementary Education (PABAE). This campaign carried out courses to improve teachers in different areas of knowledge, as well as providing textbooks with training methods. To reach the objectives proposed, an interview with the donor of these manuals was carried out, the former student normalista and primary teacher Vera Maria Silvestri Cruz. Through their narratives, it was tried to approach the uses and circulation of these materials that are part of the school material culture. In this vein, the memories of this teacher and didactic manuals allow to create knowledge of educational scenarios, practical and everyday school in the field of History of Education.

Key-words: History of Education. Teaching manuals. Memoirs. PABAE.

Introdução

No início das minhas atividades discentes no mestrado em Educação, participava do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME)². Em meio ao acervo documental do grupo, me deparei com uma coleção de manuais didáticos que havia sido doada por uma professora. Essa coleção de manuais escolares se chama “Biblioteca de Orientação da Professora Primária-Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (História e Historiografia da Educação) da Universidade do estado de Santa Catarina (Udesc) Florianópolis-SC. Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas. Participa do Grupo de Estudos História, Cultura Escrita e Leitura (GEHCEL), ambos vinculados ao Laboratório de Patrimônio Cultural (LapPac - Udesc). Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do estado de Santa Catarina (Fepesc). E-mail: sucosta@unesc.net.

² O GRUPEHME foi criado em 2001. Na maioria dos projetos concluídos ou em andamento, seus(suas) pesquisadores(as) têm buscado alcançar a história das instituições escolares públicas e privadas, práticas da profissão docente do extremo sul catarinense (Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/capa/index/754>).

Ensino Elementar (PABAE)³”, destinada à instrução de professoras primárias durante as décadas de 1950 e 1960. Para o estabelecimento do Programa foi firmado um convênio entre o governo brasileiro e o dos Estados Unidos, que vigorou nos anos de 1956 a 1964. Apesar de poucos estudos sobre o PABAE-INEP e a coleção, foi possível identificar que ele integra um conjunto de campanhas educacionais brasileiras cujo objetivo era aperfeiçoar o ensino primário, qualificar os professores e funcionários escolares, atuar para reduzir os elevados índices de evasão e repetência do país, além de propagar “novos” métodos educacionais considerados modernos.

Em meio ao contexto de implantação do PABAE-INEP no Brasil, importa destacar que foram vividos anos de Guerra Fria e que, além do Brasil, outros países latino-americanos se tornaram alvo não só deste programa, mas também de outros, que objetivavam ajuda econômica para o “desenvolvimento” desses países, mediante o apoio político, cultural e econômico norte-americano.

A Biblioteca de Orientação da Professora Primária, composta por sete manuais, chamou minha atenção: seu suporte, seus conteúdos prescritivos, suas ilustrações e a assinatura do governo norte-americano. Tais aspectos me levaram a investigar sobre quem a produziu, se estava vinculada a órgãos governamentais, além de querer saber sobre sua circulação e aceitação entre os professores brasileiros(as). Essas curiosidades resultaram na produção de minha dissertação⁴, na qual me dediquei em investigar o PABAE-INEP, os preceitos de civilidade difundidos por meio dos manuais e, em especial, o volume de Estudos Sociais, além de artigos⁵.

Ao longo dos estudos, muitas questões foram surgindo, sendo que algumas permaneceram sem respostas, principalmente aquelas referentes à participação de professoras catarinenses no PABAE-INEP. Outras questões são: como a coleção havia chegado a Criciúma (SC)? Caso tenha circulado na cidade, como era adquirida pelas professoras? As professoras criciumenses receberam alguma formação do referido programa?

Nesta gama de questões concorda-se com Maria Cristina Menezes (2005), que pesquisas que tratam da materialidade escolar tem possibilitado rastrear práticas, processos e relações que compõe o ambiente escolar, compreendidas como práticas culturais, se

³ A Biblioteca de Orientação da Professora Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE) é composta por sete volumes de diferentes áreas, os quais eram destinados às professoras para a preparação de suas aulas, entre outras questões.

⁴ Intitulada "Biblioteca de Orientação da Professora Primária: as regras de civilidade no conteúdo de Estudos Sociais do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956-1964)".

⁵ A escola agora é outra: o Programa de Assistência Brasileiro Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956 a 1964). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/28089>>.

constituem na intersecção de outras práticas culturais de nossa sociedade. Ou, seja, é estes artefatos escolares carregam marcas do seu tempo, motivos que nos levam a investigá-los.

É no entrelaçamento dessas informações que surge este texto. Ao identificar e estabelecer o contato com a doadora dos manuais do PABAE-INEP conheci a professora Vera Maria Silvestri Cruz que ao narrar sua trajetória profissional, apresenta nuances sobre a formação de professores no município de Criciúma, características da cultura material escolar da época bem com a difusão de ideias pedagógicas. Para me aproximar das experiências vividas por Vera Maria Silvestri Cruz e de suas memórias sobre o uso dos manuais, considero a coleção do PABAE-INEP meu fio condutor, a partir da ideia de rastros. Nesse sentido, a coleção de manuais comporta o entendimento de rastro documental, vestígio, um lugar de memória capaz de fornecer pistas sobre práticas educativas, vai além do estudo de sua materialidade, pois comporta elementos de seus usos.

Assim, ao utilizar a metodologia da história oral, o foco de análise ocorre por meio da entrevista com uma professora do município de Criciúma/ Santa Catarina. Sendo o objetivo da investigação, é conhecer aspectos sobre a cultura material escolar, com o uso de difusão de manuais didáticos de um programa educacional em específico. No curso da conversa com a professora Cruz, foi possível ampliar a temática da entrevista, pois suas memórias sobre o fazer docente, se entrecruzaram com a cultura material escolar, uma trajetória profissional com distintos momentos, os quais :

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez) (DELGADO, 2003, p. 10).

Um repleto campo de manejos e tensões, um jogo perceptível de passividade e de atividade. Nesse momento, ele apresenta a História do Tempo Presente como campo possível para lidar com esquecimentos (de professores) já que se propõe a interagir com testemunhos vivos.

Conhecendo a doadora dos manuais: alguns aspectos sobre sua formação

Logo após a defesa da dissertação, com um pouco mais de tranquilidade, percebi que muitas questões permaneceram em aberto e que me inquietavam profundamente, sendo as principais delas: identificar⁶, conhecer, saber quem foram às professoras catarinenses no PABAE-INEP. Com esse propósito, retomei os termos de doação do GRUPEHME-

⁶ Com esse desejo, submeti o projeto de pesquisa para o Programa de Pós-graduação em Educação da Udesc.

UNESC, mexi e remexi em papéis, ouvi antigas entrevistas, estabeleci contato com outros professores, até conseguir chegar à doadora Vera Maria Silvestri Cruz.

Ao me deparar com ela, fui surpreendida com sua rica trajetória profissional, ao mesmo tempo em que faltavam registros, como em jornais, na Secretaria da Educação de Criciúma e na própria universidade em que atuou. A falta de documentação chama atenção, pois relega ao esquecimento muitos educadores de menor circulação, principalmente as mulheres.

Vera Maria Silvestri Cruz nasceu em 13 de janeiro de 1947, no município de Braço do Norte/SC, porém sua infância se deu na localidade de Meleiro, município que integra o extremo sul catarinense. Nesta comunidade, cursou as séries iniciais no Grupo Escolar Sérgio Lopes Falcão. Em relação aos seus estudos relatou que:

Meu pai mudou-se para Criciúma por conta de seu emprego. Ele precisou vir trabalhar e nós viemos também. Então terminei o ginásio, que na época era Curso Normal Regional, estudei no Colégio Lapagesse, no centro de Criciúma. No estado só tinha isso. Apenas no Colégio Michel⁷ e Marista possuía outros cursos. No Colégio Michel tinha magistério. Ali estudavam apenas moças, era colégio totalmente feminino. Já o Colégio Marista foi destinado aos rapazes. Como o único colégio que estudava moças na época era o Michel, fui estudar ali e fiz o Curso Normal que hoje se chama Magistério (CRUZ, 2018).

Questionei se ela lembrava o ano em que iniciou seus estudos no Curso Normal e se possui lembranças de suas professoras ou do Programa do PABAE. Vera recorda uma de suas professoras (Jessy Cherem)⁸, que realizou tal aperfeiçoamento, e comenta sobre suas aulas:

Iniciei no ano de 1965, não lembro exatamente o ano que ela nos deu aula, mas foi Psicologia, me lembro muito de um bordão que usava em suas aulas, ela dizia assim: “Que todo comportamento é causado”. **Nós não entendíamos** muito bem isso (risos), mas ela explicava muito bem, era uma excelente professora, amiga, conselheira, nos aconselhávamos com ela, tínhamos muitas conversas. Ela era muito inteligente, uma pessoa extraordinária, eu admiro muito. Já admirava naquela época. Depois ela foi secretária da Educação aqui em Criciúma, autora do Hino de Criciúma, da letra. Uma pessoa muito dedicada à causa da educação e passava essa vontade para nós, vontade de ser uma boa professora (CRUZ, 2018, grifos meus, indicativo da mudança de percepção).

Ao lidar com as *lembranças* e os *esquecimentos*, Vera foi construindo sentido para

⁷ Colégio Madre Tereza Michel, tradicional colégio católico de Criciúma e administrado pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência.

⁸ Jessy Cherem foi a única professora catarinense que identifiquei até momento a realizar o curso de aperfeiçoamento do PABAE. Personagem central de minha pesquisa de doutorado, o qual busco, por meio de sua trajetória profissional, me aproximar tanto do cenário educacional catarinense da época quanto das políticas destinadas para formação de professores. Tenho no horizonte da pesquisa o reconhecimento das redes de sociabilidades, das disputas e das tensões – tanto no campo educacional quanto na trajetória da educadora.

suas lembranças arquivadas, como se os acontecimentos experienciados/narrados fossem ganhando novos sentidos e novas percepções com o passar do tempo, somados à ação do presente, reatualização dos acontecimentos vividos: “[...] narrar é dizer quem fez o quê, por quê [...]” (RICOEUR, 2014, p. 153), sendo os acontecimentos fios que conduzem a narrativa, ou seja, alguém agiu em um determinado momento e é nessa esteira que permite a tessitura narrativa entre o enredo e o personagem:

Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória ‘gira em torno da relação passado presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas’, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado (THOMSON, 1997, p. 57).

O que lembramos não possui o poder da exatidão, comportam aspectos do passado, recriação inventiva que se ajusta e se molda a quem somos no presente, já que a “[...] experiência nunca termina, é constantemente relembrada e retrabalhada” (THOMSON, 1997, p. 63). Nesse limiar, instigo outras questões para a reflexão. Lendo os manuais do PABAE-INEP, percebi que ele propunha um ensino mais prático, por exemplo: nas aulas de Matemática, as futuras professoras primárias aprendiam a fazer ábacos, jogos com cartolinas, objetos com palitos de picolé, entre outros. Perguntei para Cruz se ela consegue perceber as instruções desses materiais com as aulas desse período e o que se lembra do PABAE-INEP.

Sim, nós fazíamos tudo isso com os alunos. Para nos dar aulas, elas [as professoras] liam os documentos oficiais, talvez tivesse sido o PABAE, não sei te dizer exatamente. Mas elas ensinavam atividades práticas. Como depois fui fazer Pedagogia, fui supervisora de estágio. **Também sugeria para as aulas**, elas não tinham feito Magistério, então não sabiam como dar aulas e a gente dava sugestões, assim como elas lá também davam, possivelmente embasadas nesses documentos (CRUZ, 2018, grifos meus).

As experiências que transcrevi acima possibilitam observar diversos indícios que convidam a refletir sobre algumas questões, tanto do cotidiano escolar quanto das normas que regiam no magistério nos anos em que Vera iniciava sua trajetória docente (1963). O uso de atividades práticas indicadas por tal professora em suas aulas pode possuir relação com a proposta pedagógica do PABAE-INEP, já que este buscou enfatizar os “métodos ativos” de ensino-aprendizagem, que versavam liberdade às crianças a partir de seu interesse, além de adotar métodos que ampliaram a participação delas, incentivando atividades práticas e trabalhos manuais.

Nesse mesmo cenário, discussões eram provenientes das propostas apresentadas pelo

movimento da Escola Nova, repercutindo, em todo o país, entre as décadas de 1920 e 1930, debates em que eram contestados os padrões da escola tradicional, sendo eles a defesa da escola pública para todos e de responsabilidade do Estado, além de propagar a laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação, propunha ainda uma escola que privilegia as experiências práticas, além da descentralização da figura do professor/a com centro da relação professor(a) aluno(a).

Tais pressupostos vinham circulando por meio de revistas educacionais, em cursos de formação e nos debates públicos, e continuavam ressoando nas décadas de 1950 e 1960, a exemplo da publicação, em 1 de julho de 1959, do manifesto dos educadores "Mais uma vez convocados", reafirmação do "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", de 1932. Abro uma nova interrogação: será que as professoras primárias já não construíram suas próprias metodologias para inovar suas práticas? Estariam inspiradas nos ideais escolanovistas da década de 1930? Ou suas práticas consistiam nas propostas apresentadas pelo PABAAE-INEP? Em que medida as escolas estavam preparadas, tanto em sua infraestrutura quanto com recursos materiais, para desenvolver aulas mais interessantes e práticas?

Na narrativa acima, percebo, ainda, que o lugar de fala se altera: da condição de estudante do Curso Normal, de quem aprendia como preparar suas aulas, que estudava os conteúdos a ensinar para, então, a narrativa de suas experiências como professora, formadora de novas professoras, em um momento no qual ensina conhecimentos “atuais”, mas preserva e transmite aqueles que adquiriu com suas mestras. Observo ainda que os tempos se sobrepõem, o tempo dos acontecimentos, de aluna ao tempo de professora, com o tempo da entrevista em que suas memórias não elaboradas no presente.

Em relação à efetivação dessas “novas metodologias”, segundo a entrevistada, havia não só a instrução, mas também o controle:

Eu sei que aqui em Criciúma tinha um grupo de professoras que coordenava o PABAAE na região, mas não sei dizer se elas foram fazer os cursos lá fora, ou se uma foi fazer, e depois repassavam para as demais, elas orientavam a gente aqui.

Lembro que iam às escolas, elas orientavam a fazer os planos de aula. **Nós tínhamos um caderno que era o caderno de planos de aula**, fazíamos os planos em casa e **entregávamos para a diretora ver**. Esse pessoal da coordenação, eles iam até as escolas pegavam esses planos e olhavam também, para ver se estavam adequados. Então, sutilmente **havia um grande controle**. Para ver se você estava executando ou não, o programa lá (CRUZ, 2018, grifos meus).

Caderno de planejamentos, relatórios escolares, nada fugia aos olhares dos diretores

e inspetores escolares. Instrumentos de práticas e fiscalização sob constante verificação, as aulas e os cadernos das professoras normalistas precisavam ecoar as propostas educacionais preconizadas pelo governo e por suas campanhas na Educação. As práticas de fiscalização das professoras podem ser vistas como propósito de proteger e garantir a efetivação de normas. Com o relato das prescrições que comento acima, pergunto a ela: como você adquiriu a coleção de manuais que chegou até as minhas mãos em 2016? Qual seu interesse em adquirir esse conjunto de manuais? Ela me responde:

Falava-se bastante do PABAE. Tinham reuniões nas escolas, elas (as professoras) iam às escolas. E nós, professores, comprávamos os livros, tanto que é que eu comprei os livros da coleção para me inteirar, de como fazer os planos de aula, como dar aula, tudo seguindo aquilo ali (CRUZ, 2018).

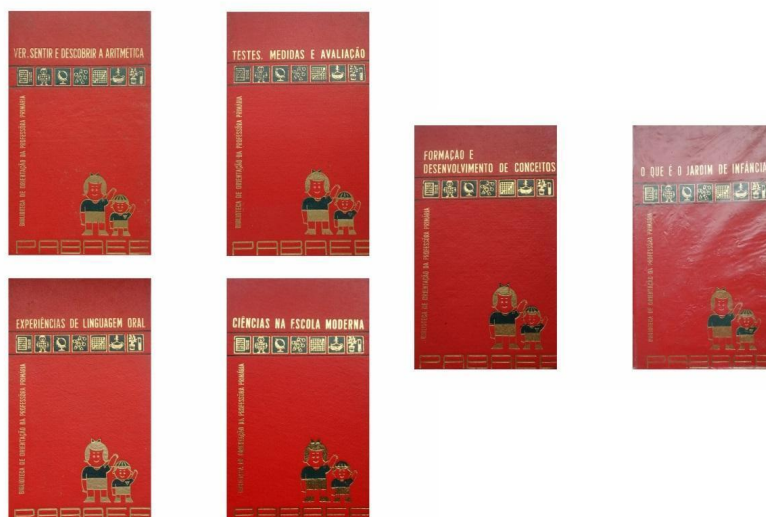
Questiono se recorda a aceitação dos professores e se seu custo era acessível, pois os detalhes como capa dura, letras douradas, imagens e figuras no interior chamam atenção em relação à indústria gráfica da época. Considero que, se fosse um material de qualidade inferior, possivelmente não teria resistido ao longo desses 50 anos, muito menos chegado até minhas mãos.

Sim, era muito bonito. Não lembro quanto custou, mas funcionava assim: passavam os viajantes e, quando nós chegávamos na hora do recreio, tinha um monte de livros em cima da mesa dos professores. Sempre nestes intervalos havia compra e venda de livros, e eles falavam muito nesta coleção do PABAE. E como as professoras também falavam, eu comprei. Agora não lembro o quanto custou, não sei se foi caro, se foi barato. Deveria ser acessível (*risos*) para as professoras poder comprar (CRUZ, 2018).

Disponibilizo, a seguir, a imagem da coleção doada por Vera Silvestri. Pode perceber que, apesar do tempo, as capas e o interior dos manuais estão em bom estado de conservação. Alguns aspectos, como os suportes⁹ desses materiais, chamam atenção: eles apresentam certa imponência, como a capa dura, na cor vermelha e com letras em dourado.

⁹ Os manuais possuem capa dura, na cor vermelha com letras douradas, medindo 21,5cm de comprimento por 14 cm de largura. As letras douradas indicam na parte superior a temática do manual. Logo abaixo expõe a sequência de sete figuras que representam cada área de estudo. Cada manual escolar possui a gravação de uma dessas imagens, como por exemplo, a imagem de um ábaco na capa do volume Ver, sentir, descobrir a Aritmética, a representação de um menino segurando um abecedário na capa do volume intitulado Experiências de Linguagem Oral. Já o volume Habilidades de Estudos Sociais é representado por um globo terrestre. Na posição vertical no lado esquerdo a escrita indica Biblioteca de Orientação da Professora Primária. Na parte inferior à direita a imagem representa o que acreditamos ser a professora primária e o aluno, seguindo logo abaixo da inscrição das iniciais do programa (WASCHINEWESKI, 2017,p.89).

Figura 1 – Capas da coleção dos manuais “Biblioteca de Orientação da Professora Primária (PABAEI)”.



Fonte: Elaborado pela autora (2016). Acervo GRUPEHME.

Algumas inscrições em sua contracapa indicam que essas edições foram publicadas em 1965, pela editora Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, e possuem as seguintes informações: “Edição autorizada pelo Programa de Assistência Brasileiro-americana ao Ensino Elementar PABAEI-INEP, Belo Horizonte (MG) e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro (GB)”.

A análise dos manuais, entrecruzados como as memórias da entrevistada testemunham sobre aspectos de uma cultura escolar, indicam práticas, possibilitam reflexões sobre o cotidiano da sala de aula e sobre “*um jeito de ser professora*”¹⁰.

A profusão dos objetos de ensino ganham destaque principalmente com movimento de renovação educacional iniciados nos anos de 1920, o uso dos mais variados objetos eram importante para os aspectos da modernização educacional, meios essenciais para a difundir ideias. “No ideário renovador, a materialidade da escola e os objetos de ensino adquirem novos significados devido às concepções educacionais que redefinem o papel da escola e dos conteúdos, sustentando outras interpretações sobre o processo de ensino-aprendizagem” (SOUZA, 2013, p.110).

Os manuais didáticos do PABAEI-INEP, destinados a formação da professora

¹⁰ Teive (2008), em sua pesquisa “‘Uma vez normalista, sempre normalista’: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911-1935)”, ajuda a compreender a escola normal catarinense como espaço privilegiado para a produção do *habitus* dos professores primários, como tentativa de incorporar formas específicas de transmitir conhecimentos, planejar suas práticas pedagógicas, personalizando um jeito de ser professora, para além do espaço escolar, visíveis em seu vestuário e nas formas com quem e como se relacionava com as pessoas.

primária, eram imprescindíveis para a propagação de uma proposta educacional, dispositivo prescritivo, portador de conteúdos escolares, tinham como objetivo consolidar um modelo educacional considerado moderno:

[...] os manuais escolares funcionaram como manuais de profissionalização, que visavam divulgar certos saberes científicos e pedagógicos e fundar práticas profissionais em conformidade com os programas oficiais, a fim de orientar - em sua formação e atuação profissional - os futuros professores e aqueles que já estavam em serviço, em consonância com a proposta oficial vigente em cada momento histórico, cuja apresentação em forma prescritiva tinha como principal função ser útil na vida profissional.

Artefatos culturais, seus conteúdos didáticos, carregam consigo o papel de informar cenários, políticas, campanhas, currículos educacionais, o que os fazem ser “lugares de memória”, segundo Nora (1993, p. 22):

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.

Ainda que sua existência não tenha garantia da recriação de cenários e fatos tal como ocorreram no passado, pois não são portadores de “verdades históricas”, comportam rastros, pistas e vestígios que possibilitam reconstruir versões do tempo pretérito (MIGNOT, 2002). Como tecer tantas histórias que se desdobram a partir desses objetos escolares e desses lugares de memória?

Esses rastros documentais me ajudam a realizar aproximações com as políticas destinadas à formação de professores, às discussões em torno da necessidade de modernização e do próprio convênio firmado entre Brasil e Estados Unidos. Eles criam possibilidades de conhecer histórias singulares, que se relacionam com a história de outras professoras primárias desse período.

A trajetória de Vera Silvetri se assemelha com a de outras professoras primárias que iniciaram suas experiências educacionais ainda muito jovens: recém-formada no curso Normal regional (em 1962), com apenas 15 anos de idade tem seu primeiro contato na sala de aula como professora¹¹. Entre os anos de 1965 e 1967, realiza o curso Normal no Colégio Michel.

¹¹ Foi convidada para substituir aulas na localidade de Rio Maina, em Criciúma, em uma escola estadual.

Em 1968, Vera viaja para Florianópolis onde, durante um ano, realiza o curso de Licenciatura Curta¹², em Ensino de História, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quando me formei, a Irmã convidou para dar aulas no Colégio Michel. Formei-me em dezembro e em janeiro ela me chamou. Fui bem faceira achando que era para o primário, porque tinha feito o Curso Normal. Ela disse: “Não... Quero que trabalhe no Segundo Grau, no Curso Normal, estou precisando de uma professora de História”. Falou assim: “Você estuda os conteúdos que você vai dar hoje, depois estuda os conteúdos de amanhã e as dúvidas que surgirem você vai estudando” (CRUZ, 2018).

Vera, então, optou por não aceitar a proposta naquele momento: preferiu buscar formação na área em que a escola estava precisando. Comenta que, assim como ela, outras professoras de Criciúma também viajaram para Florianópolis em busca dessa especialização.

Tinha na UFSC um curso de Licenciatura Curta, era como chamavam, para poder ter a credencial do MEC, tinham carteirinha tudo certo, que te habilita para dar aulas. Eu fiz História, mas várias professoras de Criciúma foram também, porque aqui ainda não tinha. Durante este ano morei em Florianópolis em uma pensão, na rua Almirante Lamego, fomos em mais ou menos 20 professoras de Criciúma, de diferentes áreas: História, Geografia, Matemática (CRUZ, 2018).

O período em que Vera e as demais professoras permaneceram em Florianópolis a estudos foi marcado por um regime de exceção, que teve início nos anos de 1964 com o golpe civil militar. Já o ano de sua viagem (1968), é considerado emblemático no cenário internacional, nacional e local. Na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, os(as) estudantes convocaram a primeira greve geral da instituição, que durou 11 dias. Não só na educação e no movimento estudantil, mas toda a esfera nacional estava imersa nas políticas de arbitrariedades, marcadas pela censura e pela perseguição daqueles/as que resistiram. Ou seja, um período em que viajar não era tão fácil, seja pelo contexto político da época, seja porque fazê-lo sem estar acompanhada da presença masculina não era muito habitual.

Logo após a conclusão de sua Licenciatura, passa a lecionar no Colégio Madre Teresa Michel (Criciúma, SC), nos cursos Normais, mudando sua posição de ex-aluna à professora normalista. Sobre esse período, Vera recorda:

Em 1970, como abriu a primeira turma de Pedagogia na Unesc, fiz vestibular e ingressei no curso, ao me formar, a Irmã me convidou para ser coordenadora pedagógica. Naqueles anos, não havia pedagogos. Foi então que, em 1973, comecei a atuar como pedagoga no Colégio Michel. Na

¹² Os cursos de Licenciaturas Curtas foram criados a partir da promulgação da LDBEN, nº 4 024/61, por meio do artigo 9º, que consentia ao Conselho Federal de Educação poderes para adotar medidas que visassem a expansão e o aperfeiçoamento do ensino. Em 9 de outubro de 1964, o conselheiro Newton Sucupira propôs a criação de Licenciaturas de curta duração, em caráter emergencial, para formar professores em um curto prazo de tempo e que pudessem se desdobrar e lecionar em várias disciplinas, no ciclo ginásial (SUCUPIRA, 1964).

verdade, comecei a implantar a coordenação pedagógica, pois não foi fácil lidar com as professoras mais velhas: tinha que mudar a cabeça das que foram minhas professoras. (CRUZ, 2018).

Seu trânsito, marcado pela atuação profissional em seus (entre)lugares (de estudante normalista, professora e coordenadora pedagógica), também fez com que ela estabelecesse carreira como professora universitária. Em 1975, foi aprovada em um processo seletivo na Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, onde atuou durante 35 anos no curso de Pedagogia. Também foi professora e orientadora educacional do Colégio de Aplicação que funciona na mesma universidade.

Concomitante a esses locais que passou, Vera foi secretária municipal de Educação e Cultura de Criciúma, entre os anos de 1989 e 1991, e secretária da Ação Social e da Família, entre 1997 e 1998. Parece-me que seu percurso formativo e as múltiplas experiências adquiridas ao longo de sua trajetória ressoam tanto no desempenho de sua função como professora, permanecendo muitos anos nas mesmas instituições, quanto também lhes proporcionaram transitar em cargos de gestão e administração.

Desse modo, essas experiências vivenciadas por Vera Silvestri a insere em um grupo de professoras com intensa atuação na formação de novos professores, dedicando-se além do ensino: na produção de conhecimento. Participou, por exemplo, do “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (Ladesc), no ano de 1984, e publicado em formato de livro em 1985, na Coleção Pró-criança.

Figura 2 – Capa do livro “Uma sociedade interessante”.



Fonte: acervo pessoal de Vera Maria Silvestri Cruz.

Além desta publicação, também realizou mestrado em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc (2004), com a dissertação intitulada “Avaliação da aprendizagem: manifestação sobre prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades”. Possui também inúmeros artigos públicos em jornal de notícias com temas voltados para a Educação.

Por meio de sua circulação, suas produções e suas contribuições na elaboração de documentos educacionais, tanto em sua atuação na Secretaria Municipal de Educação quanto nos cargos que passou na universidade, permitem percebê-la como alguém que atuou na produção de conhecimentos e na comunicação de ideias.

Nesta esteira, pode ser considerada uma personagem importante no campo da História da Educação, sendo que suas memórias possibilitam estabelecer relações e perceber (seja na produção/circulação/apropriação/comunicação) novas ideias, novos modelos pedagógicos, como representantes da modernização em diferentes segmentos no qual se inserem.

Considerações finais

Trazer ao presente cenários e campanhas educacionais sobre a formação das professoras primárias foi possível, neste texto, devido aos rastros e vestígios que se apresentam no campo da cultura material escolar. Ao me deparar com Vera Silvestri como doadora dos manuais do PABAE-INEP, tive como objetivo inicial analisar a circulação desses manuais e os usos que ela e possivelmente outras professoras fizeram desse documento. Entretanto, suas memórias trouxeram informações não só sobre o Programa, como também fragmentos de sua trajetória profissional, imagens de um tempo, um convite a compartilhar outras informações.

Nos rastros, foi possível visualizar lances sobre a passagem das coisas que não se pode ver, mas que existiram em determinado tempo. Ou seja, o rastro é a presença de algo do passado o que Ricoeur (2010) atribuiu o entendimento de “efeito-signo”: “[...] a coisa presente [...] vale por uma coisa passada”, que age, assim, como um operador intelectual, mediando a imaginação e as lacunas do conhecimento. Assim, emaranhada na potencialidade que o encontro com a Coleção Biblioteca de Orientação da Professora Primária – PABAEE provocou, conheci um pouco mais sobre uma das professoras que comprou esses manuais e os utilizou para a preparação de suas aulas. Ao ouvir suas lembranças, tentei capturar histórias, afecções e experiências, que consentem em conhecer

aspectos educacionais, marcas da escolarização e possibilitam pensar distintas interpretações sobre a educação brasileira, para além dos discursos oficiais. Sua narrativa demonstra a latência daqueles que vivenciaram a educação nos anos em que se viam imbuídos nos projetos e nas aspirações de modernidade.

Outras informações – cronologia da atuação profissional da entrevistada

REDE DE ENSINO, INSTITUIÇÃO, FUNÇÃO E ANO	REDE DE ENSINO, INSTITUIÇÃO, FUNÇÃO E ANO
<p><u>Rede Estadual de Ensino</u></p> <p>Professora de 1ª a 4ª série (1963-1977)</p> <p>Professora de História de 5ª a 8ª série (1968-1969)</p> <p>Orientadora educacional (1987-1993)</p>	<p><u>Prefeitura Municipal de Criciúma</u></p> <p>Secretária da Educação e Cultura (1989-1991)</p> <p>Secretária da Ação Social e da Família (1997-1998)</p> <p><u>Prefeitura Municipal de Cocal do Sul</u></p> <p>Orientadora pedagógica (1999-2000)</p>
<p><u>Rede Particular de Ensino</u></p> <p>Colégio Madre Teresa Michel</p> <p><u>Curso Normal/ Magistério</u></p> <p>Professora de História (1969-1972)</p> <p>Professora de Sociologia Geral (1972)</p> <p>Professora de Psicologia Geral (1977)</p> <p>Professora de Didática e Prática de Ensino (1973-1986)</p> <p>Coordenadora pedagógica geral (1973- 1986)</p> <p><u>Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc</u></p> <p>Professora de Psicologia Geral (1975-1979)</p> <p>Professora de Metodologia de Ensino de 1º grau (1975-1979 – 1981-1987)</p> <p>Professora de Didática Geral (1975-1979 – 1993-1994)</p> <p>Professora de Princípios e Métodos em Orientação Vocacional (1997)</p> <p>Professora de Orientação Vocacional (1997)</p> <p>Professora de Sociologia da Educação (1998)</p> <p>Professora de Práticas de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado (1994-2010)</p> <p>Professora de Filosofia da Educação (1992- 1993 – 1997-2000 – 2009-2010)</p> <p>Professora de Currículo e Sociedade (2004-2005)</p> <p>Professora de Avaliação no Ensino Superior – Pós-graduação <i>Lato sensu</i> (2007-2008 – 2010)</p> <p>Assessora pedagógica da Diretoria de Educação (2004-2005)</p> <p>Coordenadora do setor de Estágios e Empregabilidade (2005-2009)</p> <p>Coordenadora de ensino da unidade acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação (2009-2011)</p>	<p><u>Rede Particular de Ensino</u></p> <p><u>Escola Técnica General Oswaldo Pinto da Veiga – SATC</u></p> <p>Professora de História (1971)</p> <p><u>Colégio de Aplicação – Unesc</u></p> <p>Professora de Filosofia Geral (1992-1993)</p> <p>Orientadora educacional (1992-1993)</p>

REFERÊNCIAS

- CRUZ, V. M. S. **Entrevista**. [novembro 2018]. Criciúma, Santa Catarina. Entrevista concedida a Susane da Costa Waschinewski.
- DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, Recife, UFPE, n. 6, p. 9-25, jun. 2003. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- MENEZES, M. Cristina. **A escola e a sua materialidade**: o desafio do trabalho e a necessidade da interlocução. *Pro-Posições*, v. 16, n. I (46) - jan./abr. 2005.
- MIGNOT, A. C. V. **Baú de memórias, bastidores de história**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: USF, 2002.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**, São Paulo, PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 9 dez. 2018.
- OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma **ilusão: Indivíduo, tempo e narrativa biográfica**. In: SCHIMIDT, B. Bisso. AVELAR De S. Alexandre. O que pode a biografia. São Paulo. Letra e Voz, 2018. (p.59 -72).
- SUCUPIRA, N. Sobre o exame de suficiência e formação do professor polivalente para o ciclo ginásial. **Documenta**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 107-111, nov. 1964.
- TEIVE, G. M. G. “**Uma vez normalista, sempre normalista**”: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.
- _____. **Tempo e narrativa**. Tomo 3: O tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- SOUZA, Rosa F. Objetos de ensino: **a renovação pedagógica e material da escola primária** no Brasil, no século XX. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013. Editora UFPR.
- THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto história**, São Paulo, n. 15, p. 57, jul.- dez. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11216/8224>>. Acesso em: 9 dez. 2018.
- WASCHINEWSKI, S. C. **Manuseando documentos, (re)construindo uma trajetória**: o arquivo pessoal de uma professora catarinense no Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAAE (1956 - 1964). Projeto de doutoramento. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2018.

_____. Biblioteca de orientação da Professora Primária do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAAE (1956-1964). **Revista Linhas**, Florianópolis, Udesc, v. 19, n. 39, p. 286-314, jan.-abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819392018286/pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

_____. Biblioteca de orientação da professora primária : as regras de civilidade no conteúdo de estudos sociais do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAAE (1956 –1964).